

GOVERNO RELIGIOSO DA VIDA: A IMPRENSA ESPÍRITA BRASILEIRA PENSANDO O ENVELHECIMENTO HUMANO

GOBIERNO RELIGIOSO DE VIDA: LA PRENSA ESPÍRITA BRASILEÑA PENSANDO EN EL ENVEJECIMIENTO HUMANO

RELIGIOUS GOVERNMENT OF LIFE: THE BRAZILIAN SPIRITIST PRESS THINKING ABOUT HUMAN AGING

AGRA DO Ó, ALARCON

Doutor em História (UFPE), Professor da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

E-mail: alarcon@ufcg.edu.br

RESUMO

O artigo discute, a partir do exame de um artigo publicado no periódico “O Reformador”, em circulação desde o século XIX, o olhar espírita sobre a experiência do envelhecimento. O estudo parte da consideração da historicidade dos recortes geracionais, especialmente a velhice. O diálogo teórico principal se realiza com os estudos culturais, com certa produção inspirada em Norbert Elias e com a análise de discurso inspirada em Michel Foucault. O foco no discurso espírita deu-se em função da importância do elemento religioso na sociabilidade brasileira contemporânea, na qual as religiões mediúnicas, entre elas o espiritismo, são muito importantes. A problematização do corpus nos levou à compreensão de que o espiritismo pensa a velhice como uma etapa da vida com duas características principais. Por um lado, é um momento a mais de experiência e de construção da vida em si mesma, com seus desafios e possibilidades. Por outro lado, a velhice é descrita e explorada ali como sendo mais um momento em que o ser humano pode e deve enfrentar a si mesmo, no sentido de sua transformação e melhoria. No movimento do texto em estudo são acionadas diversas estratégias discursivas de legitimação de seu regime de verdade e de seu olhar específico. Enfim, trata-se de uma estratégia de governo da vida, no sentido de que as formas da velhice são associadas às escolhas anteriores do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice; Discurso; Espiritismo

RESUMEN

El artículo discute, a partir del examen de un artículo publicado en el periódico “O Reformador”, en circulación desde el siglo XIX, la perspectiva espírita sobre la experiencia del envejecimiento. El estudio parte de la consideración de la historicidad de los cortes generacionales, especialmente de la vejez. El principal diálogo teórico tiene lugar con los estudios culturales, con cierta producción inspirada en Norbert Elias y con el análisis del discurso inspirado en Michel Foucault. El foco en el discurso espírita se debió a la importancia del elemento religioso en la sociabilidad brasileña contemporánea, en la que las religiones mediúnicas, incluido el espiritismo, tienen mucha importancia. La problematización del corpus nos llevó a comprender que el Espiritismo piensa la vejez como una etapa de la vida con dos características principales. Por un lado, es otro momento de experiencia y de construcción de la vida en sí misma, con sus desafíos y posibilidades. Por otra parte, allí se describe y explora la vejez como un momento más en el que el ser humano puede y debe enfrentarse a sí mismo, en el sentido de su transformación y superación. En el movimiento del texto en estudio se activan diversas estrategias discursivas para legitimar su régimen de verdad y su mirada específica. Finalmente, es una estrategia para gobernar la vida, en el sentido de que las formas de la vejez están asociadas a las elecciones previas del sujeto.

PALABRAS CLAVES: Velez; Discurso; Espiritismo.

ABSTRACT

The article discusses, based on the examination of an article published in the periodical “O Reformador”, in circulation since the 19th century, the spiritist perspective on the experience of aging. The study starts from the consideration of the historicity of generational cuts, especially old age. The main theoretical dialogue takes place with cultural studies, with a certain production inspired by Norbert Elias and with discourse analysis inspired by Michel Foucault. The focus on the spiritist discourse was due to the importance of the religious element in contemporary Brazilian sociability, in which mediumistic religions, including spiritism, are very important. The problematization of the corpus led us to the understanding that Spiritism thinks of old age as a stage of life with two main characteristics. On the one hand, it is another moment of experience and of building life in itself, with its challenges and possibilities. On the other hand, old age is described and explored there as another moment when human beings can and must face themselves, in the sense of their transformation and improvement. In the movement of the text under study, several discursive strategies are

activated to legitimize its regime of truth and its specific look. Finally, it is a strategy for governing life, in the sense that the forms of old age are associated with the subject's previous choices.

KEYWORDS: Old Age; Discourse; Spiritism.



I

Tenho me dedicado, nos últimos vinte anos, a pensar (n)a velhice. Trata-se de uma deriva de múltiplas dimensões, que me ocorre em momentos os mais variados, inclusive naquele arranjo de fatos e impressões que costumamos entender como sendo a *vida privada*.

Não estou sozinho; no presente, a busca por imagens que nos ajudem a dar sentido ao nosso percurso pela existência é, em grande medida, atravessada por fluxos e tensões organizadas no âmbito de um regime de verdade etarizado.

Em outras palavras, o tempo presente é marcado por uma hipervalorização da dimensão etarizada da vida, sem a qual nem sempre sabemos nos dizer ou pensar. Para dizer quem nós *somos*, quase sempre nossa idade é a chave através da qual interpretamos e expressamos nossa *identidade*. Enfim, a problematização da vida e, aí, das idades, é uma das marcas mais pregnantes do tempo presente.

Entretanto, para além desse enquadramento mais *íntimo* e do cenário de dispersão acima insinuado, há no meu olhar para a velhice, entre outros, um ponto de adensamento especial: a realização de estudos *acadêmicos* no campo da minha disciplina de formação, ou seja, de experimentações do pensamento mediadas por regras da operação historiográfica. Disso já resultou certa produção bibliográfica, espalhada aqui e ali, “gente de discurso” que sou (FOUCAULT, 1977, p. 187).

Neste caminho, já pude me dedicar às relações entre memória e velhice, a situações de violência envolvendo pessoas idosas, à proteção legal à velhice, aos saberes e poderes médicos sobre a vida dos mais velhos, à previdência social etc.

Em certo momento do meu percurso, uma de minhas buscas acabou sendo pela exploração do que aprecio nomear como o governo religioso da velhice, ou seja, de um conjunto heterogêneo de práticas históricas ambientadas no campo religioso e que acabam por instituir formas de governamentalidade da experiência etária, especialmente do envelhecimento. Frequentei assim os campos de certa história política, na medida em que enfatizo a ideia de que o discurso religioso informa condutas humanas, logo, políticas (CANDIOTTO & SOUZA, 2012; CHARAUDEAU, 2006; COUTROUT, 2003).

No que diz respeito ao presente texto, eu enfoco esta problemática instalando minha oficina de trabalho nas cercanias de uma instância midiática em particular, o periodismo – corpus em relação ao qual, inclusive, já está posto um rico arquivo de experimentações, no âmbito da historiografia.

Mais concretamente, exploro um exemplo significativo do periodismo espírita brasileiro. O que busco fazer aqui, enfim, é um exercício de análise histórico-discursiva de um texto publicado na revista espírita “Reformador”, o qual tematiza a velhice (CHARAUDEAU, 2006; MAINGUENEAU, 2010).

Li aqueles papéis não tanto para afrontar a face do deus, mas, certamente, para imaginar o que se pode produzir a partir da relação de estranheza entre o meu olhar e o que ele, enfim, encontra sob si (FOUCAULT, 1977, p. 209 e 211).

Como sabemos, a pesquisa histórica em periódicos – sejam eles o objeto do estudo, ou as suas fontes – já conta, inclusive no Brasil, com certa tradição. Mesmo que, conforme indica Luca (2005), este movimento se delineie com mais clareza apenas a partir dos anos 1970, desde lá foram produzidos trabalhos em quantidade e qualidade suficientes para demarcar um campo bastante preciso de possibilidades quanto à consideração de jornais e revistas como canteiros propícios para a operação historiográfica (D’ALESSIO, 2008). Dialogo com esta tradição de pesquisa no movimento do meu estudo.

Em termos gerais, a pesquisa aqui delineada quer discutir, a partir de um diálogo com certa produção de Michel Foucault (2008), as estratégias de governamentalização da velhice implicadas na sua construção midiática. Neste sentido, o texto se volta para o exame das formas pelas quais a imprensa problematiza, num certo contexto histórico, experiências do envelhecimento, imaginando que derivam daquela construção midiática uma *agenda* para a velhice e para os velhos (MAGALHÃES, 2009; NJAINE & MINAYO, 2002; PITTA, 1995; PORTO, 2002). Para tanto, busquei realizar um estudo que, construído sob a forma de uma “análise relativamente local, relativamente microscópica”, buscasse dar conta, nos seus limites, de tais “problemas gerais” (FOUCAULT, 2008, p. 481).

Formulada a partir da crença de que não há produção discursiva alheia à sua própria historicidade, a hipótese do presente estudo é a de que o Reformador (como, aliás, a imprensa em geral), ao registrar experiências ou reflexões que envolvem pessoas classificadas como idosas (LLORET, 1998), acaba por acionar e articular, nos limites de sua



historicidade singular, uma política de verdade em torno da velhice (NJAINÉ & MINAYO, 2002). Esta política de verdade, tornada possível nos limites de certo regime de verdade, se organiza sob a forma de uma série de descrições de condutas, as quais, por se mostrarem implicadas em situações de maior ou menor risco para os idosos, tornam-se num discurso prescritivo.

Em suma, quer-se, desde ali, governar a velhice e os velhos, mesmo quando o noticioso afirma querer apenas informar, registrar, dar a conhecer a *verdade dos fatos* (ELLSWORTH, 2001). Neste sentido, o Reformador pode ser pensado como uma maquinaria comprometida com a produção e com a difusão de certas regras de conduta, tornando-se ele, de certa forma, num manual de civilidade e de (auto)governo (AGRA DO Ó, 2008; LEÃO, 2007).

II

Uma das ideias que ajudam a dar forma aos estudos que venho empreendendo consiste na historicidade dos recortes geracionais, entre os quais, mais especialmente a velhice. Para me valer das palavras de Kuschik & Machado (2016, p. 139), posso afirmar que tenho trabalhado com a noção de que a velhice é uma categoria “da instância do biológico e também do social”, sendo “consolidada pelo caráter concreto de um organismo que se modifica com o avançar dos anos e, também, pela materialidade dos sentidos que definem este corpo”. Entre a *realidade* e a *imagem*, como diria Manuel Bandeira, instalo minha mesa de trabalho, desejoso de reencontrar o mundo pela palavra (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 01).

O governo dos vivos é uma dimensão incontornável da experiência histórica contemporânea - ou, para dizer isto de outra forma, da modernidade e da pós-modernidade. Tal governo se orchestra mediante a colonização de todos os instantes por regras, por impedimentos, por obrigações. Algo das práticas históricas - humanas, demasiado humanas - é isolado e classificado como uma experiência marcante e, em seguida, flechas são lançadas em busca de atingir o seu coração.

Há, em torno da velhice, constituindo-a em muitos sentidos, inclusive, “uma luta singular, um confronto, uma relação de poder, uma batalha de discursos e através de discursos” (FOUCAULT, 1977, p. XII). O que aprendemos a nomear como o discurso midiático aí se realiza, como palco, cena e personagem da história da produção, atribuição e circulação de sentidos quanto à velhice.

A imprensa é tomada assim como uma maquinaria singular e de grande importância estratégica na nossa sociedade. Nela se realiza uma prática discursiva que coloca na linguagem uma relação particular do sujeito consigo mesmo, mediada pela sua relação com a sua existência temporalizada. Ou, para ser mais exato, com a sua existência etarizada. O discurso da imprensa ocupa o papel de revelador e de configurador da experiência contemporânea, tangenciando, no entanto, tempos outros (CHARAUDEAU, 2006).

No caso de uma produção divulgada sob a forma de uma revista, há elementos que precisam ser destacados, para além dos mais gerais, atinentes à imprensa em geral. Como apontam Kuschik & Machado (2016), a revista chega aos leitores vendendo a si mesma como uma produção cuja construção parece mais lenta e melhor acabada do que, por exemplo, o jornal diário. Seus textos são mais longos, há relações mais complexas com elementos gráficos ou pictóricos, e, por fim, ela acaba por construir um todo em si mesmo, como se a sua forma gráfica e editorial quisesse ou pudesse garantir uma coesão e uma continuidade que não caracterizariam outras publicações da imprensa.

III

O caminho da pesquisa aqui transformada em texto consistiu numa série articulada de passos. Em primeiro lugar, cabe destacar que o periódico estudado foi escolhido, entre tantos outros produzidos no âmbito do campo religioso brasileiro, tendo-se em vista a sua importância no campo espírita.¹

¹ Há, é certo, ampla discussão acerca da dimensão religiosa (ou não) do espiritismo (e a bibliografia que cito, ao final do texto trata disso com apuro). Não pretendo resenhar esse debate aqui, optando apenas por afirmar que tenho tomado como um dos pontos de partida de minhas reflexões a ideia de que não me parece adequado significar mecanicamente o espiritismo (ou qualquer outra prática cultural) como “religião”. O que me parece apropriado, a meu



O “Reformador”, considerando-se a sua história e o seu impacto (hoje como ontem) no movimento espírita, mostrou-se um objeto promissor para o estudo ao qual me proponho. O seu primeiro número, sob a responsabilidade de Augusto Elias da Silva, fotógrafo e divulgador espírita, foi publicado em 21 de janeiro de 1883. Antes disso, diversos movimentos já haviam sido empreendidos pelos espíritas brasileiros, no sentido da criação de órgãos de imprensa ligados à sua crença.

O “Reformador” destaca-se, ainda hoje, tendo-se me vista ao menos duas questões. A primeira, sem dúvidas, é a sua longevidade, dado que continua sendo publicado, hoje na forma impressa e também em portal na internet.

O segundo elemento a ser considerado diz respeito ao papel importante do periódico na circulação de ideias e projetos ligados a versões que foram se afirmando como hegemônicas no campo espírita brasileiro.

Ora, como aponta a bibliografia especializada, desde a chegada ao Brasil das ideias de Alan Kardec (o “Codificador” do Espiritismo), ainda nos anos 1860, instalam-se debates e controvérsias no seu campo simbólico. A história do espiritismo no Brasil, inclusive, tem sido contada justamente como sendo um percurso longo e tenso – em meio ao qual narrativas diferentes e em algum modo divergentes se encontram e se chocam (Stoll, 202).

As revistas e jornais (e, hoje, as páginas na internet) tem funcionado, desde cedo, como um espaço privilegiado para debates internos ao campo espírita. É sabido que os livros espíritas também trazem em si referências a tais enfrentamentos, mas a dimensão mais imediata e pontual da prática midiática a tornam um palco mais apropriado para certas encenações de discórdia ou para estratégias de legitimação (ou de silenciamento) de *verdades* (Araújo, 2014).

O “Reformador” não se furtou a esse papel. Ao contrário, em todos os seus números se condensam as artes do dizer e do silenciar, do afirmar e do negar, numa contribuição de relevo à cristalização de certos regimes de verdade. Permitindo a circulação de bens simbólicos, mas fazendo isso de forma regrada e pensada, o periódico do qual analiso aqui um texto tem auxiliado, ao longo de sua história, a dar um rosto ao espiritismo brasileiro. Daí a importância estratégica de sua exploração pelo pensamento (Arribas, 2010; 2014).

Definidas as margens acima mencionadas, passei ao trabalho de forma mais direta. Visitei o repositório da revista no site da Federação Espírita Brasileira e, no seu sistema de busca, operei com o descritor “velhice”. Outras possibilidades de pesquisa, é sabido, seriam possíveis: descritores como “idoso/a”, “envelhecimento”, “terceira idade” etc., na medida em que fazem parte do campo discursivo com o qual tenho trabalhado, certamente me dariam acesso a textos que também permitiriam produzir uma análise. Coloquei-me, entretanto, a obrigação de escolher apenas um termo, desde que eu o sentisse como passível de ser funcional para o estudo. A escolha por “velhice” deu-se pela sua relevância estratégica no campo dos estudos sobre a experiência etária (Brandão & Corte, 2016).

Dos textos encontrados, optei por trabalhar com o mais recente.

No que diz respeito, mais diretamente, às questões de ordem metodológica, um diálogo relativamente livre com a análise foucaultiana do discurso foi o caminho mais frequentado. O que se pretendeu foi cartografar o plano mais geral de uma cena de lutas diversas, os confrontos e as batalhas havidas no âmbito de certa enunciação sendo evidenciadas. Como disse Foucault, que venho, aliás, parafraseando com certa liberdade aqui, o que se tenta fazer é “reencontrar o jogo desses discursos, como armas, como instrumentos de ataque e defesa em relações de poder e de saber” (Foucault, 1977, p. XII).

IV

Na edição de setembro de 2006, sob a rubrica mais geral de “Em dia com o Espiritismo”, publicou-se o texto “A velhice”, escrito por Marta Antunes Moura. A autora é mineira, descendente de holandeses e fruto de uma família espírita. É formada em biologia e biomedicina, tendo atuado como professora em diversos níveis. Espírita atuante, tem experiência

ver, é aceitar e acolher as significações experienciadas no movimento mesmo da história - e, aí, creio ser correto afirmar que, ao longo da trajetória do espiritismo kardecista no Brasil, ainda que eventualmente isso seja objeto de controvérsia, grandes contingentes populacionais o tomam por religião. Sendo assim, eu acolho a compreensão de que o espiritismo pode ser pensado, para efeito do esforço analítico, dessa forma - no que imagino estar fazendo alguma justiça a Vico, para quem só poderíamos saber dos homens aquilo que eles fazem...



na formação doutrinária em centros espíritas e escreve com regularidade para o periodismo ligado ao seu campo religioso.²

O artigo que lemos aqui tem uma epígrafe, a qual foi retirada de um texto bíblico (a Epístola de Paulo a Tito, 2:2), o que não é de todo comum na literatura espírita, mais afeita a uma prática auto referencial (ARRIBAS, 2010, p. 162). A bibliografia daquele campo religioso tem a tendência a citar – e a se referenciar – em produções oriundas do seu próprio interior. Ainda que haja a afirmação, por parte dos espíritas brasileiros, de sua condição de movimento inserido no âmbito do cristianismo, as menções ao texto bíblico não se mostram com muita frequência. Talvez o fato de que a produção dada a luz sob a responsabilidade de Alan Kardec tenha se descrito como outra revelação, mais afeita aos tempos presentes, faça com que seus seguidores se sintam autorizados a negligenciar os escritos de uma revelação passada.

Cabe explorar a epígrafe, ainda mais porque há muitos fios que podem ser puxados dela e que nos auxiliam a compor um quadro de análises possíveis para o texto em geral. A citação escolhida por Marta Antunes Moura para encimar seu artigo trata justamente da velhice, e para os seus personagens mais imediatos, ela estabelece um limite a considerar.

Diz Paulo: “Que os velhos sejam sóbrios, respeitáveis, sensatos, fortes na fé, na caridade e na perseverança”. O dizer do sujeito que fala é incisivo, impositivo: ele se manifesta através de uma assertiva que expressa um comando frente ao qual não cabe a dúvida ou o desvio.

A Carta de Paulo a Tito, um elenco de leis pastorais (no dizer de Tomás de Aquino) tem uma dimensão estratégica no âmbito das Epístolas (ARMSTRONG, 2007; RICHES, 2016). Ela traz em si instruções precisas, endereçadas às lideranças dos agrupamentos cristãos que estavam, naquele momento, conhecendo os primeiros movimentos de organização autônoma, para além das fronteiras geográficas mais imediatas do povo judeu. Frente a estas igrejas, Paulo assumiu o papel de responsável pelo ordenamento em diversos níveis, oferecendo aos cristãos em geral e, mais especialmente, aos seus pastores, regras quanto a um grande número de dimensões da experiência.

Assim, Paulo regrava a escolha dos responsáveis pelo cotidiano da igreja, para as necessárias correspondências entre condutas privadas e públicas, para a importância extrema da limpeza do caráter de todos. Algo que se destaca ali é o cuidado de Paulo em indicar que as relações entre os diversos sujeitos são mediadas por um grande número de questões – uma delas, e não a menos importante, sendo a condição etária. É preciso, diz Paulo, não apenas envelhecer de certo modo, como, também, manter relações de respeito e de reverência quanto aos mais velhos.

O envelhecimento, diz Paulo – e isto nos interessa, aqui, mais que tudo – é uma experiência cujos contornos estão dados pela Lei de Deus. Na velhice, os homens devem encarnar, mais que em qualquer outro momento, uma série de virtudes, as quais não apenas lhes garantirão um bom galardão nos céus, após a morte e o julgamento final, mas, além disso, os tornarão referências importantes para todos quantos convivam com eles.

É dramática a dupla responsabilidade que Paulo lança por sobre os homens velhos. Eles deverão ter em si e manifestar as virtudes evangélicas, sem que a idade mais avançada lhes permita descansar o fardo moral por um instante que seja. Sua vida, nos seus últimos anos, deve ser, ainda mais do que antes, uma trajetória sóbria, respeitável, sensata. Eles mostrarão, assim, que são fortes na fé, na caridade e na perseverança. E, dali, daquele lugar de santidade, eles atuarão – mesmo que em silêncio – como uma baliza, uma referência, um ponto de apoio para os mais jovens, vítimas potenciais dos arroubos e das dúvidas. Aos mais jovens, os mais velhos, se obedecerem aos princípios exarados por Paulo, parecerão ser um ideal identitário, uma forma subjetiva a respeitar, a desejar, a replicar.

Ora, o uso desta pequena elocução como epígrafe permite que a partir dela sejam experimentados sentidos possíveis para a experiência do envelhecimento, ainda mais se pensarmos que o espiritismo d’O Reformador é aquele balizado pela Federação Espírita Brasileira, ou seja, é uma relação com a vida e com a morte que pode e deve ser tomada como uma experiência religiosa. Quem me lê perceberá isso a seguir, creio, sem maiores dificuldades.

* * *

A entrada do artigo de Marta Antunes Moura é realizada sob a forma da remissão à realidade demográfica norte-americana, à qual logo se acopla uma exposição de dados referentes à experiência brasileira. Em ambos os casos, o que se diz é que a característica marcante da dinâmica populacional recente é o envelhecimento populacional, explicado

² In.: <http://www.febeditora.com.br/autores/marta-antunes-de-moura/>. Captura de dados em 29/06/2016.



como sendo o incremento, tanto em termos absolutos quanto em termos relativos, da população idosa. Além disso, menciona-se o fato de que cada vez mais pessoas vivem mais, o que alonga a expectativa de vida das populações, que se tornam plenas de homens e mulheres com mais e mais anos de vida.

Este tem sido um movimento habitual na produção contemporânea acerca do envelhecimento: o apelo ao regime de verdade que se ampara no poder dos números. Quando se pensa na importância do argumento científico (muitas vezes, forjado nos moldes da racionalidade positivista, sem a porosidade a outros enquadramentos epistemológicos) no âmbito do campo espírita, o apelo ao elemento quantitativo de mostra como ainda mais inteligível. Ao espírita tem cabido o papel de procurar referenciar a sua fala em *dados da realidade*, e, para a racionalidade cientificista do século XIX, não haveria outra forma mais legítima de garantir este vínculo entre pensamento e a verdade do mundo empírico, a não ser o número.

Após a entrada em cena do argumento demográfico, o texto apresenta uma posição de relevo, considerando-se o lugar de enunciação a partir do qual se fala. Após a *informação*, entra em cena a *reflexão*, num movimento que se repete em quase todos os textos daquele periódico. Trata-se, no caso em apreço, de uma citação do médium baiano Divaldo Pereira Franco, talvez a mais autorizada voz espírita da atualidade no Brasil.

Para Franco, tal como citado no artigo em apreciação, a velhice é um fato fisiológico, caracterizado por uma série de transformações corporais que ele associa à idade e que, todas, sinalizam para um declínio das funções vitais e das habilidades motoras e cognitivas. No entanto, enfatiza ele, isso é apenas um lado da questão, e talvez nem seja o mais relevante. Afinal, a dimensão psicológica da velhice é que importa, na medida em que uma série de ações pode garantir que, mesmo na velhice, a memória permaneça ativa, novos conhecimentos possam ser adquiridos e abençoadas experiências possam vir a ser realizadas. A chave para que este melhor cenário se realize consiste na articulação entre o trabalho e a preservação do equilíbrio emocional.

Há, ao menos, dois pontos a observar, aí. O primeiro diz respeito ao ideal a ser buscado quando da velhice. Num movimento de recusa aos sinais do desgaste do corpo, Franco indica que há uma terapêutica possível, a qual ajudará o indivíduo a permanecer, se não jovem, ao menos jovial. Haveria um ponto de equilíbrio na vida, o qual, conquistado, nos faria senhores de nós mesmos por mais tempo, o que enfraqueceria sobremaneira os significados associados geralmente à velhice.

O segundo ponto que gostaria de destacar está ligado à agenda desejada para o indivíduo desejoso de uma boa velhice, composta pelo par trabalho/equilíbrio emocional. Para Franco, a inatividade é causa de uma velhice experimentada como fracasso, declínio, naufrágio. Este ponto de vista, certamente assumido por Marta Antunes Moura, tem como um de seus pontos de apoio mais consolidados um dos saberes mais autorizados quanto à velhice. Assim, são os “modernos tratados de gerontologia” que emergem como avalistas da ideia de que “o trabalho é de suma importância para o idoso”. Não se faz ali o que já foi apontado – e, até mesmo, denunciado – pela historiografia: a dimensão humana, circunstancial, inventada da centralidade do trabalho na existência humana.

A imprensa espírita, aqui reverberando teses caras a amplos segmentos sociais e culturais contemporâneos, entre os quais a gerontologia, repercute sem um esforço crítico a naturalização do trabalho. Ao velho será interdita outra experiência subjetiva, portanto: ele deve ser útil, manter-se em movimento, produzir – para, assim, hominizar-se apesar do seu envelhecimento. Quase voltamos àquilo que foi expresso por F. Engels, quando definiu que o trabalho fez do homem um ser diferente do macaco (ALBUQUERQUE JR., 2011).

Sofisticando seu argumento, e assumindo, a seguir, o ponto de vista da judicialização das relações sociais (Scheinvar, 2009), o texto parte em busca de uma menção ao Estatuto do Idoso, apresentado então como o documento que obriga o Estado a garantir a permanência do idoso e da idosa no mercado de trabalho. Todas as demais possibilidades abertas por aquele Estatuto são, no texto em apreço, deixadas à margem, em nome da iluminação do seu compromisso com a dimensão laboral do homem e da mulher que cheguem à velhice.

Numa passagem realizada sem transição, o texto avizinha, ao Estatuto do Idoso, passagens de uma das vozes mais célebres do Espiritismo (brasileiro): Emmanuel, o espírito mais frequente na psicografia de Francisco Cândido Xavier. Ora, apelar para aquele personagem no âmbito do espiritismo significa quase afirmar uma verdade revelada em relação à qual não cabem dúvidas. E a palavra mencionada trata, justamente, de um tema caro àquela discursividade religiosa: a ideia de que o trabalho é uma condição essencial e inegociável para o desenvolvimento (nos seus termos, a evolução) do espírito. O trabalho, entendido como uma ação realizada com prazer e no intuito de servir ao outro, é, para o espiritismo, a porta de entrada para a elevação espiritual – e o contrário é também apontado como verdadeiro.



O outro ponto fundamental levantado, vimos, trata do equilíbrio emocional. Por isso se entenderá um estado do indivíduo marcado pela experiência articulada do conhecimento com a caridade. Equilibrado é aquele que vive em si, ou seja, não apenas pratica, mas, além disso, internaliza profundamente o credo kardeciano, pelo qual saber cada vez mais e ser caridoso são condições essenciais de uma vida justa e correta. O espírito que desejar auferir uma boa velhice deverá, então, tornar-se alguém que, em todos os momentos, se esforça por aprender sempre mais. E, ao lado disso, ele tratará de viver a caridade em todos os momentos, vivendo para o outro mais que para si.

Por fim, emerge no texto a imagem do Centro Espírita como o espaço no qual os fios se juntam. Será ali, naquela instituição, que o espírito melhor encontrará os meios e os insumos para trabalhar em prol do próximo, para educar-se e para praticar a caridade. Neste momento do texto, de forma um pouco mais marcada que nos demais, o “Reformador” paga o seu tributo à leitura realizada pela Federação Espírita Brasileira faz da obra de Alan Kardec. Outras práticas associativas, outras formas de vivência espírita serão subsumidas (e, talvez, desprovidas de legitimidade) frente ao ideal do Centro.

De acordo com a Revista em apreciação, nos Centros Espíritas os velhos e as velhas poderão exercer múltiplas atividades – inclusive as importantíssimas ações de acolhimento a outras pessoas de igual condição etária. A velhice, neste sentido, se diluiria num indiferenciado etário comum, no qual todas as experiências etárias se mesclariam em prol das ações do Centro Espírita.

Uma sucessão de imagens construídas a partir de idealizações da natureza se derrama pelo texto, nos seus momentos finais, numa citação longa de um texto atribuído a Humberto de Campos e psicografado por Chico Xavier. Ali somos expostos à ideia de que a velhice é o “fruto” do que se aprendeu ao longo da vida. A vida, aliás, é descrita como uma série de ramagens, umas de sucesso, outras mirradas desde cedo. A diferença entre umas e outras está no seu maior ou menor grau de adesão ao projeto divino. Deus, afinal, nos quer vivendo uma longa vida – mas uma vida útil a todos, atravessada pelo desejo de uma redução do eu em prol do bem do outro. Só assim, diz o texto, nós nos perderemos no infinito da divindade.

V

Não poucos autores apontam para a importância extrema do elemento religioso na sociabilidade contemporânea. Nos últimos anos, inclusive, isso tem sido objeto de atenção especial face à relevância de pertencimentos religiosos na condução de trajetórias subjetivas nos campos e canteiros da política partidária. No que diz respeito ao campo religioso brasileiro, ainda que marcado por um acentuado fortalecimento de segmentos evangélicos (neo)pentecostais, as religiões mediúnicas, entre elas o espiritismo, são muito importantes.

No âmbito deste setor específico do campo religioso, entendido comumente como uma religião de letrados, a palavra impressa é fundamental (LEWGOY, 2004). No espiritismo kardecista, a mediação da palavra escrita (e, em muitos sentidos, de duas em especial: em primeiro lugar, a palavra psicografada; em segundo lugar, a palavra impressa) é condição essencial para a realização da fé. Os periódicos ocupam aí um papel especial, de difusão de ideias e de formação de subjetividades.

O sistema de crença espírita, assim, depende em grande medida de uma fruição, por seus integrantes, de textos cuja autoria pode ou não ser atribuída a espíritos desencarnados – mas que, de alguma forma, busquem redefinir os contornos da vida na Terra em face dos modelos ideais dos espaços sacralizados do além da morte. De todo modo, a mediação (para usar de forma um tanto livre os termos do próprio campo espírita) entre encarnados e desencarnados, e entre encarnados, é quase sempre construída no espaço da prática escrita.

No caso do periódico aqui analisado, o seu compromisso tem sido, ao longo de sua larga história, o de dar visibilidade a um projeto religioso e institucional preciso. A sua história é, também, a de construção de consensos, numa experiência religiosa que, tradicionalmente, silencia sobre seus debates internos, sobre suas fissuras, sobre suas divergências. O papel regulador da Revista aqui explorada se faz mediante: a referência constante a fragmentos de obras canônicas no espiritismo; a publicação de artigos teóricos mais densos, nos quais certas questões de fé são reafirmadas; e, principalmente, pela atualização regrada da doutrina, o que se consegue através da exploração de temas atuais a partir da recuperação pontual de elementos textuais capturados aqui e ali, nas tais obras do cânone.

Ao tematizar a velhice, especialmente no texto analisado nas páginas anteriores, o espiritismo brasileiro deu provas de estar sintonizado com narrativas pouco dispostas a estranhar a etarização da vida, ou ao ideal de uma velhice bem sucedida (aquela que é vivida como aberta ao trabalho e como definida pela manutenção, o mais possível, do equilíbrio emocional). E, ainda mais, considerando os modos pelos quais sua enunciação se faz, o “Reformador” torna-se espaço



de veiculação de *verdades* interessadas não em outra coisa, a não ser na governamentalização da vida como um todo. Mais especialmente, ali se cuida da velhice, etapa da vida naturalizada e cada vez mais entregue à responsabilidade de seus protagonistas, pensados não como seres sociais, mas como indivíduos senhores de suas escolhas e reféns de suas fragilidades. Talvez a correspondência temporal e ideológica entre os fios que tramaram o kardecismo e a experiência contemporânea da velhice, no ocidente, expliquem em algum grau tais movimentos.

Deseja-se, desde ali, a fixação de uma identidade e, em paralelo, a regulação da vida biológica e moral da população. Do governo das almas ao governo dos corpos, do governo dos corpos ao governo das almas – num movimento, quem sabe, eterno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, A.. Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, jun. 2008.

AGRA DO Ó, A.. *Velhos em perigo*. Imprensa, velhice e violência. Paraíba (1994-2005). Campina Grande: EDUEFG, 2014.

ALBUQUERQUE JR., D. M. de. Mundos e imundos de(o) trabalho: por uma crítica histórica da emergência histórica da categoria trabalho. In. MONTENEGRO, A. T.; GUIMARÃES NETO, R. B.; ACIOLI, V. L. C.. (org.) *História, cultura, trabalho: questões da contemporaneidade*. Recife, PE: Editora da UFPE, 2011, p. 53-62.

ARAÚJO, A. C. D. de. *O Espiritismo, “esta loucura do século XIX”*. Ciência, filosofia e religião nos escritos de Alan Kardec. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: UFJF / ICH / Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2014.

ARRIBAS, C. da G.. *Afinal, espiritismo é religião?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

ARRIBAS, C. da G.. *No princípio era o verbo*. Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. Tese de Doutorado. São Paulo: USP / FFLCH / Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2014.

ARMSTRONG, .K. *A Bíblia*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F.. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BRANDÃO, V.; CORTE, B.. Revista Kairós Gerontologia – Narrativas do envelhecimento. *Revista Kairós Gerontologia*, 19(1), pp. 121-148.

CANDIOTTO, C.; SOUZA, P. de. (orgs.) *Foucault e o cristianismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CHARAUDEAU, P.. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTROT, A.. Religião e política. In. RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 331-363.

D’ALESSIO, M. M.. Imprensa, história, historiografia. Algumas observações. In. FERREIRA, Antonio Celso et alli. (orgs.) *O historiador e seu tempo*. São Paulo: Editora UNESP; ANPUH, 2008, p. 129-138.

ELLSWORTH, E.. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In. SILVA, T. T. da. (org.) *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-76.

FOUCAULT, M.. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KUSCHIK, C. L. B. R.; MACHADO, F. V. K.. Compre, leia, siga e rejuvenesça! Sobre os sentidos movimentados e construídos por *Veja* acerca da velhice ao longo de sua história (1968-2014). *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 32, p. 138-150, ago. 2016.

LEWGOY, B.. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 255-282, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-



71832004000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000200011>.

MAINGUENEAU, D.. Historicidade de um gênero de discurso: o sermão. In. _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 99-127.

MINOIS, G.. *História da velhice no ocidente*. Da Antiguidade ao Renascimento. Lisboa: Teorema, 1999.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. de S.. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. *Ciência & Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 7, n.2, 2002.

LEÃO, A. B.. *Norbert Elias & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LLORET, C.. As outras idades ou as idades do outro. In. LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de. (orgs.) *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 13-23.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

ORTEGA, F.. *O corpo incerto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PONTY, M.. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RICHES, J.. *Bíblia: uma breve introdução*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

SCHEINVAR, E.. Biopolítica e judicialização das práticas de direitos. In. Rio de Janeiro: UFRJ / FFP / DE / Projeto ECA: DIADIA / Laboratório de filosofia contemporânea, 2009.

SMITH, W. C.. *O sentido e o fim da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

STOLL, S. J.. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012002000200003>.

NOTAS

